

Vincent van Gogh e a miséria humana

Decio Tenenbaum

Uma das experiências clínicas mais intrigantes é a atração que a miséria humana exerce sobre algumas pessoas. Ela se instala insidiosamente e com as mais diversas justificativas. Algumas dessas pessoas passaram pelo meu consultório; quase todas se julgavam senhoras de seus destinos e acreditavam estar fazendo o melhor para elas, independentemente da pouca idade e de não terem desenvolvido a necessária autonomia e discernimento para isso. Todas repudiavam a vida dos pais e/ou a sociedade em que viviam e vieram por pressão desses pais no momento exatamente anterior à ruptura definitiva dos vínculos familiares e sociais. Consegui ajudar algumas e, com o passar dos anos, fui recebendo notícias sobre o fim trágico da maioria das demais.

A marginalidade exerce atração sobre três tipos de pessoas: aquelas que repudiam as normas e os valores predominantes na sociedade em que vivem, aquelas que se sentem excluídas, mas, de fato e por diferentes motivos, não conseguem se inserir na sociedade em que vivem e aquelas que não tiveram acesso às condições sociais mínimas para se inserirem na sociedade em que vivem. A característica comum aos três grupos é o sentimento de ódio à sociedade da qual estão apartados e àqueles que elas julgam ser os responsáveis pela não inserção social.

Ela não atrai a todos da mesma forma, nem todos a buscam pelos mesmos motivos e nem todos que vivem na pobreza vivem na miséria humana. Em “Ricardo III”, Shakespeare nos apresenta um príncipe que, em sua mórbida ambição pelo poder, justificou os atos terríveis que praticou contra seus familiares pelo fato de, ao nascer corcunda, sentir-se privado do amor. Maugham, em “A servidão humana”, nos conta a história de um relacionamento degradante entre Phillip e Mildred, que é em tudo semelhante ao relacionamento vivido por Vincent van Gogh com Clasina Maria Hoornik, a Sien. A diferença entre ambos é que, no romance, Phillip consegue, pela força de sua vontade, superar o início difícil de sua vida e romper o relacionamento com Mildred enquanto Vincent só rompeu o relacionamento com Sien pressionado pelo irmão e pelo pai e continuou trilhando o caminho que o levou ao seu prematuro e triste fim.

Talvez ainda não tenhamos elementos para relacionar a atração pela miséria humana com o processo de inclusão social que vem sendo implementado em algumas sociedades. Mas, eles parecem complementares porque vistos em conjunto denunciam a “solução”

que essas sociedades encontraram para a marginalidade: na falta de disposição política de enfrentar o desafio apresentado pela marginalidade, a “solução” para fazê-la desaparecer foi passar a dignificar a miséria humana, negando a íntima relação entre a miséria humana, a marginalidade e a prática do mal (dirigida aos outros ou à própria pessoa).

Ao me interessar por Vincent van Gogh e por seu adoecimento, examinado no livro “Schreber e van Gogh. Um estudo psicanalítico sobre a opressão interior.”, me surpreendi com a semelhança entre ele, aqueles pacientes e o personagem criado por William Somerset Maugham. Vincent nasceu em uma família que vivia na e da religião e da arte há gerações. Nasceu um ano depois, exatamente no mesmo dia em que seu irmão mais velho, o primeiro filho dos pais, nasceu morto. Como seu antecessor, e vários outros membros da família, ele também recebeu o nome Vincent em homenagem ao avô, até então o membro ilustre da família Van Gogh, mas acrescido de Williem. O pai, Theodorus van Gogh, foi por toda a vida um pastor reformista descrito pela filha Willemina, a Wil, como uma pessoa rígida, obcecada por regras e protocolos, idealizado e confrontado por Vincent desde quando era criança. Apesar disso, o pai sempre esteve ao lado dele tentando ajudá-lo como podia, o que Vincent nunca facilitou. Em muitas ocasiões, o pai pediu e teve a intermediação de Theo para conseguir ajudar Vincent.

Vincent foi uma pessoa difícil de conviver desde a infância. Ainda criança, ele já se irritava com elogios por julgá-los imerecidos. Aos oito anos destruiu um elefantinho que moldara em argila quando os pais o elogiaram, excessivamente segundo ele. Ele foi uma criança teimosa, turbulenta, dado a acessos de raiva, ficava ressentido e guardava mágoas com facilidade. Por outro lado, amava animais e flores e, quando jovem, foi um naturalista que fazia todo tipo de coleções. Para os familiares, Vincent foi uma pessoa que não conheceu as alegrias da vida. Segundo a irmã Elisabeth, a Lies, Vincent foi um jovem arredio e distante, com interesses muito particulares, mas, apesar da turbulência, nunca perdeu a incrível sensibilidade para o belo e para o bem. A Wil, a caçula das meninas, foi a única irmã com quem ele manteve contato a vida inteira e com quem também compartilhava a maneira melancólica de viver a vida. Vincent e Cornelis Vincent, o Cor, o irmão caçula 14 anos mais novo do que ele, nunca conseguiram estabelecer uma relação. Vincent nunca se correspondeu com ele. Vincent considerava Theodorus, o Theo, como seu único irmão. Theo foi o único que nunca brigou com ele, embora também se exasperasse com ele de vez em quando. O pai se exasperou com ele diversas vezes e o expulsou da casa em que moravam em Etten em uma dessas brigas. Anna, a irmã mais

velha, nunca suportou a presença de Vincent e, logo após a morte do pai, incentivou a mãe a expulsá-lo da casa em que moravam em Neunen. Vincent também foi expulso da pensão da Sra. Loyer, onde morou em Londres, e da casa do tio Stricker, em Amsterdam.

As amizades de Vincent nunca duravam muito, acabando sempre em briga. Pessoa de poucos amigos, brigou com todos, inclusive com Theo, o único que não se afastou dele. Sua verve polemista era inesgotável, levando seus interlocutores ao desespero. Ele não perdia a oportunidade de tentar, obstinadamente, por vezes de modo rude e violento, convencer seu interlocutor sobre o seu ponto de vista ou sobre a estupidez do ponto de vista alheio. Por outro lado, adorava a natureza e descrevia em detalhes pictóricos tudo o que via. Adorava longas caminhadas e sempre que podia passeava pelos campos e era capaz de ir à beira-mar para ver e apreciar uma tempestade sem se importar em ficar encharcado pela chuva.

Vincent começou a desenhar regularmente aos 17 anos, após ter começado a trabalhar na filial de Haia da Casa Goupil, dedicada ao comércio de arte. Seu início auspicioso no trabalho o levou à filial de Londres onde, quase imediatamente, se apaixonou por Eugénie Loyer, a filha da dona da pensão onde ele estava hospedado. Mesmo sabendo que ela estava noiva, ele se declarou e foi por ela rechaçado. A recusa de seu pleito amoroso o levou ao desespero e desencadeou nele um comportamento obcecado e insistentemente inadequado para mudar a disposição contrária de Eugénie, o que o levou a ser expulso da pensão e a ser demitido da firma em que trabalhava.

Os cinco anos seguintes foram muito penosos para Vincent. Ele se voltou para Deus e decidiu seguir a carreira religiosa do pai, que o apoiou relutantemente por não reconhecer no filho a vocação necessária para a vida eclesiástica. Afinal, Vincent não suportava o clero e as instituições religiosas em razão da hipocrisia e da luta pelo poder presente nelas. Apesar disso, Vincent manteve-se por toda a vida crente em Deus, que para ele era sinônimo de amor.

A religiosidade de Vincent sempre esteve voltada para a injustiça social, e muitas de suas obras refletem essa preocupação. Por toda a vida, ele acreditou que a religião deveria ser atualizada e não é de todo impossível que o quadro *Os comedores de batatas* tenha sido a atualização dele para a Santa Ceia porque quando lhe foi solicitado pintar a Santa Ceia, Vincent propôs pintar cenas da vida camponesa local. *Os comedores de batata* foi uma dessas telas. Ele considerava a Revolução Francesa como o maior evento desde a

vinda de Cristo, o grande evento da sua época a partir do qual tudo iria mudar. Jules Michelet, um dos autores franceses mais admirados por ele, comparou a Constituição Francesa de 1789 ao nascimento de Cristo e a chamou de “o novo evangelho”.

Ao não ser aprovado nas provas para ingressar na Universidade de Teologia de Amsterdam, onde o pai cursara, Vincent decidiu se tornar um missionário da London Missionary Society, mas também não foi aprovado. Como aconteceu com muitos santos e profetas, que precisaram passar um tempo isolados do mundo antes de assumir o papel a eles destinado, Vincent precisou vagar por um ano como andarilho pelo Borinage evitando o contato com os familiares enquanto realizava, por conta própria, trabalho missionário não remunerado junto aos trabalhadores das minas de carvão daquela região belga. Na época, Vincent mal se alimentava e vestia-se com uma túnica quase esfarrapada, amarrada à cintura com uma corda. Para os trabalhadores, ele era “o Cristo das minas de carvão”.

Foi preciso ainda mais um longo tempo para Vincent considerar-se um pintor: porque não enxergava seu próprio talento, apesar da habilidade em desenhar e do gosto pelo desenho e pela pintura. Entendia que um artista não é apenas alguém que cria obras artísticas (independentemente de viver da arte ou para a arte). Para ele, existiam apenas dois tipos de artistas: os verdadeiros, aqueles que fazem obras primas, que fazem a diferença, e os demais, meros imitadores. Vincent dedicou toda sua vida artística a encontrar um estilo próprio e inovador de pintar, a ser um verdadeiro artista na sua concepção. Com esse objetivo, não lhe sobrou espaço mental para ele se preocupar com seu sustento (o que delegou ao irmão). Vincent foi um bom exemplo da conjugação entre talento, ambição, grandiosidade e baixa estima pessoal. O fascínio exercido, especialmente sobre os jovens, pela atual cultura do sucesso, da fama e da riqueza é cruel quando falta talento e sobram ambição e grandiosidade.

Ao retornar ao convívio familiar após esse isolamento, Vincent se apaixonou quase imediatamente pela prima Cornelia Adriana van Gogh Vos-Stricker, a Kee, que se recuperava da recente perda de um filho e do marido na casa dos pais dele. Pega de surpresa com a intempestiva declaração de amor do primo, Kee também o rechaçou. Desesperado, Vincent foi atrás de Kee em Amsterdam com o mesmo comportamento apresentado ao ser rechaçado por Eugénie e acabou sendo expulso da casa do pai de Kee, o tio Stricker.

Desnorteadado, Vincent partiu para Haia aprender com Anton Mauve, pintor holandês casado com uma de suas primas. Logo se envolveu com Sien; ela vagava pelas ruas de Haia, grávida e com uma filha pequena, prostituindo-se para sobreviver. Foi necessário mais de um ano e muito esforço de Theo e do pai para ele conseguir sair deste relacionamento. Ao voltar para a casa dos pais, Vincent se envolveu com Margaretha Carolina Begemann, a Margot, uma vizinha dos pais, solteira e sete anos mais velha do que ele. Quando o relacionamento foi descoberto, após ser mantido em segredo durante sete meses, os familiares dela foçaram o rompimento (o que a levou a tentar contra a própria vida).

O fim trágico deste relacionamento aprofundou ainda mais o pessimismo de Vincent em relação ao próprio futuro e a vontade de se afastar dali e de todos. Compensatoriamente, ele começou a idealizar um convívio apenas entre pintores, que se materializou, às expensas do irmão, em Arles, na famosa Casa Amarela. Lá, Vincent conviveu com Paul Gauguin, que desde o início assumiu a posição de líder, enquanto Vincent viveu, obstinadamente, uma curta e idealizada relação discípulo-mestre associada a uma luta interior entre influência e autonomia, exatamente como ele viveu sua relação com seu pai; sintomaticamente, Vincent passou a assinar suas telas pouco antes de Gauguin chegar a Arles.

A convivência entre esses dois grandes pintores teve a duração de apenas 2 meses e um final trágico, com sérias consequências no estado mental de Vincent. Enquanto este descrevia uma relação idealizada nas cartas para o irmão, Gauguin escrevia a Theo relatando seus planos de voltar a Paris por não estar mais conseguindo conviver com Vincent. Na noite de 23.12.1888, Vincent extirpou a orelha esquerda após mais uma discussão com Gauguin e a entregou à Rachel, uma prostituta que trabalhava no bordel que eles frequentavam. Depois disso, ele ficou internado por duas semanas no Hospital Municipal de Arles em um quadro melancólico com ideias de ruína e alucinações auditivas. Dois meses depois, ele foi reinternado no mesmo hospital, por três meses, devido ao mesmo quadro clínico. Ao receber alta, pediu ao irmão para ser internado no Asilo Saint-Paul-de-Mausole, em Saint Remy, onde permaneceu por quase um ano. Vincent tentou contra a própria vida nessas duas internações, mas nunca parou de pintar.

Após a última alta, Vincent se estabeleceu em Auvers-sur-Oise sob os cuidados do dr. Paul-Ferdinand Gachet, psiquiatra e pintor amador, amigo de Pissarro e de outros impressionistas, com consultório em Paris, mas vivendo em Auvers-sur-Oise, a 30 km de

Paris. Em 27.07.1890, dois meses depois de chegar em Auvers-sur-Oise, o artista foi encontrado em uma plantação “onde teria ido atirar em corvos”. Ele estava ferido com um tiro suspeito no abdome, que foi oficialmente considerado suicídio, mas cuja arma nunca foi encontrada. Vincent faleceu aos 37 anos, no início da manhã de 29.07.1890, conversando com o irmão sobre a esposa e o filho deles, e sobre a tristeza da vida. Uma de suas últimas frases foi: “Gostaria de morrer dessa maneira”.

Vincent van Gogh conjugou, como poucos, um enorme talento artístico com um não menor tormento interior e um acentuado descaso com ele mesmo. Este homem, sofrido e criativo, postumamente considerado um pintor genial, começou a se aproximar da miséria humana ainda bem jovem. O efeito das sucessivas experiências malsucedidas na vida amorosa e profissional, vividas como lesões narcísicas, o levaram a desprezar a si mesmo e acabaram por fazê-lo se considerar uma pessoa não nascida para o amor, como o Ricardo III de Shakespeare. Esse foi o motivo, dito por ele mesmo em carta ao irmão, para se envolver com Sien, uma pessoa que se esbaldava na miséria humana em que vivia, como a Mildred retratada por Maugham. Como costuma acontecer nesses casos, as idealizações aumentam compensatoriamente e, no caso de Vincent, o levaram a transformar em mantra o dito bíblico “entristecido, mas sempre celebrando”. No quadro *Natureza morta com bíblia*, pintado imediatamente após o falecimento do pai, ele se utilizou de um livro de Emile Zola, *Alegria de viver*, para se retratar ao lado do pai, representado por uma Bíblia aberta em uma página dedicada ao profeta Isaías, na qual é antecipada a chegada do Messias. Neste quadro também existe uma outra possível representação dele junto ao pai: 2 castiçais, um com a vela toda consumida e o outro com a vela apagada na metade.

Pessoas como Vincent, que apresentam um funcionamento mental regido por idealizações e exigências inalcançáveis são as mais vulneráveis a viver as experiências de decepção, frustração, separação e perda, comuns na vida de todos, como lesões narcísicas geradoras de humilhações e mortificações pessoais. Lesão narcísica é a denominação psicanalítica utilizada para descrever o resultado psicológico de experiências que atingem lesivamente algum dos elementos do eu: algum dos elementos da subjetividade constitucional, algum elemento identitário ou do caráter ético da pessoa.

Esse tipo de lesão psicológica, seja efetivamente causada por alguém ou seja apenas vivida pela pessoa desta forma, como foi o caso de Vincent, costuma produzir dois efeitos diferentes, mas interligados. Ela pode mortificar e/ou corromper diferentes elementos constituintes do eu. A corrupção do caráter ético do eu costuma engendrar as superações

mórbidas deliroides presentes nas personalidades narcisistas e nas psicopáticas enquanto a mortificação de elementos do eu costuma engendrar as superações mórbidas delirantes presentes nos quadros psicóticos. No caso de Vincent, a superação mórbida foi delirante e se cristalizou na forma de uma grave melancolia, com ideias delirantes de ruína e ideação suicida, com algumas tentativas de suicídio e uma morte suspeita. Por outro lado, as neuroses e as doenças psicossomáticas são soluções mórbidas para impasses existenciais geradores de sobrecargas mentais e de estresse crônico, respectivamente.